
ULTRAPASSANDO A COMPREENSÃO USUAL DO COGNITIVO NO COTIDIANO DE UM GRUPO DE MULHERES MASTECTOMIZADAS

SURPASSING THE USUAL UNDERSTANDING OF THE COGNITIVE IN THE DAILY OF A GROUP OF MASTECTOMIZED'S WOMEN

ULTRAPASANDO LA COMPRESIÓN USUAL DEL COGNOSCITIVO EN EL COTIDIANO DE UN GRUPO DE MUJERES MASTECTOMIZADAS

MARCOS VENÍCIOS DE OLIVEIRA LOPES¹
ZULENE MARIA DE VASCONCELOS VARELA²

O trabalho busca descrever a forma como o cognitivo e o cotidiano se associam no trabalho desenvolvido num grupo de mulheres mastectomizadas. Para tanto, buscou-se aplicar o referencial de Mafesoli como base para a análise do cotidiano de trabalho do grupo GEPAM do Projeto Saúde da Mulher do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. As observações foram realizadas durante alguns encontros do grupo e levaram às seguintes reflexões: A socialidade expressa e apreendida neste grupo evidencia o compromisso dos profissionais que mantêm o grupo e a necessidade que os próprios integrantes do grupo sentem de viver uma totalidade como ser humano. Os conceitos de complexidade evidenciados durante as reuniões incluíram: a consideração dos integrantes em sua individualidade, a holicidade e a não-linearidade. Conclui-se que a coesão do grupo é o que mantém a existência do mesmo, e essa coesão foi alcançada pela busca de uma união interna, uma estruturação não somente física, mas sobretudo, afetiva.

PALAVRAS-CHAVES: Mastectomia – Cognição

The work search to describe the form as the cognitive and the daily they associate in the work developed in a group of women mastectomized. For so much, it was looked for to apply the referential of Mafesoli as base for the analysis of the daily of work of the group GEPAM of the Project Saúde da Mulher of the Nursing Department of the Federal University of Ceará. The observations were accomplished during some encounters of the group and they took to the following reflections: The expressed socially and apprehended in this group it evidences the professionals' commitment that maintain the group and the need that the own members of the group sit down of living a totality as human being. The complexity concepts evidenced during the meetings included: the consideration of the members in its individuality, the holism and the no-linearity. It is ended that the cohesion of the group is what it maintains the existence of the same, and that cohesion was reached by the search of an union it interns, a structuring not only physics but, above all, affective.

KEYWORDS: Mastectomy – Cognition

El trabajo busca describir la forma como el cognoscitivo y el cotidiano se asocian en el trabajo desarrollado en un grupo de mujeres mastectomizadas. Para tanto, se aplicó el referencial de Mafesoli como base para el análisis del cotidiano de trabajo del grupo GEPAM del Proyecto Saúde da Mulher del Departamento de Enfermería de la Universidad Federal del Ceará. Las observaciones fueran hechas durante algunos encuentros del grupo, donde se tomaron a las reflexiones siguientes: La socialidad expresa y aprendida en este grupo evidencia el compromiso de los profesionales que mantiene el grupo y la necesidad que los propios miembros del grupo sienten de vivir una totalidad como ser humano. Los conceptos de complejidad evidenciados durante las reuniones incluyeron: la consideración de los miembros en su individualidad, la holicidad y la no-linealidad. Concluimos que la cohesión del grupo es lo que mantiene la existencia del mismo, y esa cohesión fue alcanzada por la búsqueda de una unión interna, una estructuración no sólo física pero, sobre todos, afectiva.

PALABRAS-CLAVE: Mastectomia – Cognición

¹ Enfermeiro, doutorando em enfermagem pela Universidade Federal do Ceará. Bolsista da CAPES. E-mail: marcos_venicios@hotmail.com

² Doutora, professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. E-mail: zulene@ufc.br

INTRODUÇÃO

No convívio diário, a vida mostra facetas as quais somos convidados a partilhar e a buscar uma compreensão. O cotidiano, segundo Mafesoli (1986), é a história vivida no dia-a-dia, a qual nos põe em contato com a realidade presente, com o momento, com as cenas que perpassam por nós, engendradas no significado de cada uma das ações dos atores sociais.

Aprender e associar o cognitivo ao cotidiano de um grupo de mulheres exige a ultrapassagem de fronteiras, buscando a ampliação de um termo tantas vezes galgado e restrito ao neural e ao físico. Em livros-texto que tratam do assunto, o cognitivo é visto como o ato ou processo de conhecimento, envolvendo funções intelectuais e operações como a memória, aprendizagem, a motivação, a razão e pensamento (Fuller & Schaller-Ayers, 1994).

Este tipo de concepção mostra o cognitivo como um padrão de resposta humana a ser avaliado, entretanto, a ciência cognitiva trata-se de um estudo interdisciplinar que abrange a filosofia, a psicologia, a inteligência artificial, a neurociência, a lingüística e a antropologia. Neste gradiente, a cognição é abordada sobre diversos aspectos que incluem: representações, lógica, regras, conceitos, analogias, imagens e conexões (Thagard, 1998).

O cognitivo perpassa pela noção de complexidade que envolve o homem e seu meio. O mundo real, simbólico e imaginário se apresenta como parte integrante do desenvolvimento do homem em seus corpos suporte e matéria (Baitello Júnior, 1998). Esta inter-relação, representativa do holismo, destaca a amplitude que o conceito de “cognição” pode alcançar, envolvendo mais que a atividade neural ou a enganosa separação entre aprender e socializar-se.

Baseados nestas considerações procuramos nos engajar nas atividades de um grupo de mulheres mastectomizadas, buscando captar as formas pelas quais o cognitivo é exteriorizado no trabalho neste grupo.

A BUSCA DE UM GRUPO

Buscar a amplitude deste conceito exigiu de nós a observação atenta e participante do trabalho desenvolvido pelo GEPAM, um grupo de apoio a mulheres mastectomizadas, mantido por enfermeiras integrantes do projeto

Saúde da Mulher, do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará.

O grupo tem reuniões semanais, onde se efetuam atividades de relaxamento, oficinas de trabalho, e técnicas de socialização. Todas as atividades são realizadas em e para o grupo. Participamos de duas reuniões deste grupo onde buscamos visualizar as formas pelas quais o cognitivo é trabalhado e emerge neste grupo. A observação foi participante e sem roteiro pré-estabelecido. Anotações após cada reunião foram registradas num diário de campo, onde se descreveu ações que incluíam todos os atos apreendidos pelo observador, independente de parecerem simples ou “pouco importantes”.

Esta escolha foi baseada nas idéias de Mafesoli (1986), o qual defende que a vida cotidiana e a existência social são, antes de tudo, um teatro e, assim, cada cena, por menor que seja ou por pouco “séria” é, afinal, importante. Esta busca pelo individual e pelo presente é a busca de uma nova interpretação para o que se considera parte ou fragmento da pessoa. O cognitivo é algo muitas vezes vislumbrado sob a égide de um cômputo, de uma operação articulada entre partes funcionais que, por sua vez, compõem outra parte funcional (cérebro) que, junto com outros órgãos, compõem um indivíduo.

Mas, sendo o indivíduo o portador de máscaras que podem ser trocadas e que integram uma variedade de cenas, de situações que só valem porque são encenadas no plural (Mafesoli, 1985), como encarar ou perceber um conceito nitidamente humano apenas por sua expressão física? Não haveria outras formas pelas quais o cognitivo se mostra ao homem em seu cotidiano?

Se as pessoas circulam de um grupo a outro a fim de exercer tal pluralidade de suas máscaras, como defende Mafesoli (1985), então o processo em que esta pluralidade é exercida é tipicamente cognitivo, e envolve-se pelo momento sendo evidenciado pelas ações dos sujeitos sociais. Estudar o cotidiano é integrar no funcionamento social tudo aquilo que estava relegado à ordem de poesia e da filosofia, e que pode ser chamado de sonho, imaginário, jogo, fantasma e mesmo duplicidade, teatralidade ritual (Mafesoli, 1986).

O COTIDIANO DO GRUPO

Os trabalhos desenvolvidos no GEPAM apresentam uma certa seqüência que é seguida em seus encontros se-

manais. Os encontros se iniciam com uma sessão de alongamentos, realizada no pátio do Departamento de Enfermagem, onde o grupo faz exercícios leves, em busca de um preparo para as atividades seguintes.

Em nossas reflexões e sensações junto ao grupo, incorporamos um despertar da mente através da sensação corporal. Uma tentativa de aliar duas partes que muitas vezes tratamos em separado: o corpo e a sensação do corpo. A expressão do cognitivo, do perceptual é exteriorizada pelo pedido das integrantes para início da sessão, pelas expressões faciais de necessidade desta preparação e pela busca automática desta pequena iniciação corporal. Sentir o próprio corpo é a primeira forma demonstrada pelo grupo como um sinal de contato com o real, com o momento. É a primeira forma de exteriorizar sua cognição, seus signos, suas significações com o mundo.

Após a busca do encontro de físico com a percepção do físico, inicia-se uma sessão de relaxamento. Nesta, há uma busca de integração com o mundo através do imaginário. A música suave, leva a sensações de tranquilidade, enquanto a leitura pausada permite um mergulho na essência do ser humano no encontro com lugares ou situações que somente se concretizam pelo pensamento. O cognitivo apresenta, então, sua segunda face: O imaginário. O encontro entre o físico, a percepção do físico e o imaginário conduzem e permitem as ligações entre as idéias, pensamentos, sensações e respostas dadas pelos contatos estabelecidos entre os neurônios.

Para Mafesoli (1991), o consenso é a partilha de sentimentos o qual é o verdadeiro cimento societal. É nesta busca de compartilhar sentimentos que o relaxamento tem levado a uma unidade grupal, a uma forma de enfrentar uma doença pela busca da harmonia do corpo com o mundo. O grupo, por sentir sua mente em harmonia, seguia fielmente as orientações que eram dadas, numa forma de encarar o estresse diário e pela busca de um momento pessoal.

Há momentos de festividade. Uma quadrilha improvisada foi organizada, onde algumas atividades lúdicas foram implementadas. A quebra do momento de individualização passando para o coletivo foi bem recebida. O sentimento de pertença emerge no grupo, onde Mafesoli (1991) coloca que a vida social passa a ser constituída por uma sucessão de "nós". O nós aqui estabelecido é a própria unidade grupal, constituída pela integração de seus membros na busca de objetivos comuns: enfrentar a dor da perda, bus-

car alternativas para uma melhor qualidade de vida e entender a harmonia encontrada para os outros "nós" dos quais fazem parte estas mulheres.

Discussões sobre o câncer são colocadas como uma outra forma de conhecer e buscar novas formas de enfrentar a doença. Um tema tratado com delicadeza e atenção foi o da auto-estima. A auto-estima como característica pessoal, mas também influenciada diretamente pelo apoio e integração grupal, pelo sentimento de pertença que se desenvolve com os encontros programados. Esta coesão do grupo pode ser observada em dois momentos: no primeiro, uma nova integrante é apresentada ao grupo. Porém, ao contrário do que é feito em grande parte das situações na qual a pessoa é simplesmente anunciada ao grupo, sua apresentação foi efetuada individualmente uma-a-uma, de modo que cada uma das integrantes do grupo pode falar diretamente com a mais nova companheira.

Neste âmbito, Mafesoli (1991) defende que a socialidade assiste ao desenvolvimento da solidariedade orgânica, da dimensão simbólica, do não-lógico, da preocupação com o presente. A busca de integrar uma outra pessoa reflete não somente a vontade de ajudar ao indivíduo, mas sim, de buscar o auxílio ao grupo. Sabe-se que cada pessoa tem uma energia a ser compartilhada, uma força que tem o poder de contribuir para a sustentação da unidade grupal. É a solidariedade orgânica e a preocupação com o momento que rege a atitude destas mulheres. As idéias giram pelo sentimento de pertença, os signos e as relações entre estes signos, os quais compõem a definição clássica do cognitivo, estão representados pela associação entre a coesão indivíduo-grupo-mundo.

O segundo fato que ilustra a coesão do grupo, emerge da espiritualidade evidenciada pela corrente que se estabeleceu em torno de uma das integrantes do grupo, a qual iria se internar para se submeter a uma cirurgia. Cientes da importância do momento, reuniram-se buscando uma oração, energia e força para a companheira. Este gesto simbólico é responsável pelo sentimento e pela continuidade do sentimento que o grupo tem de si mesmo (Mafesoli, 1986).

O cognitivo, neste grupo, ultrapassa a mera compilação e associação de idéias. É a integração entre o corpo, a percepção do corpo, o imaginário, a partilha de sentimentos, sentimento de pertença, socialidade e os gestos simbólicos. Cada um destes, é responsável pelas representações mentais que levam as diferentes formas pelas quais

se chega a um pensamento (Thagard, 1998). Ver o cognitivo restrito a sinapses nervosas é limitar a complexidade do ser humano, esquecendo sua relação com o mundo, com a realidade maior, com o social.

UMA POSSÍVEL CONCLUSÃO

A socialidade expressa e apreendida neste grupo evidencia, não só o compromisso dos profissionais que mantêm o grupo, mas também a necessidade que os próprios integrantes do grupo sentem de viver uma totalidade como ser humano. Totalidade esta, muitas vezes esquecida no dia-a-dia, mas que é resgatada nas reuniões do grupo, em cada uma de suas etapas.

Os conceitos de complexidade evidenciados durante as reuniões por nós assistidas incluíram: a consideração dos integrantes em sua individualidade e holicidade, marcadamente pelas formas nas quais o grupo exprimia sua integração e auto-ajuda. Um outro conceito evidenciado foi o da não-linearidade, ou seja, a forma como o grupo expressava suas idéias sob a forma de uma rede de relações que ultrapassava a mera troca de informações, e envolvia sentimentos e emoções partilhados por todos.

Esta forma de conduzir e de deixar-se conduzir pelo grupo nos faz acreditar que, mesmo sem o conhecimento formal da teoria da complexidade, o trabalho ali desenvolvido resgata e aplica de forma coerente algumas noções desta teoria.

É importante ressaltar, que a coesão do grupo é o que mantém a existência do mesmo, e essa coesão foi alcançada pela busca de uma união interna, uma estruturação não somente física, mas, sobretudo, afetiva. Isto culmina com uma constante evidência da capacidade de cognição daquelas pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAITELLO JÚNIOR, N. Síndrome da máquina. In: CASTRO, G.; CARVALHO, E. A.; ALMEIDA, M. C (Org.). **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1998. p. 115-121.
2. FULLER, J.; SCHALLER-AYERS, J. **Health assessment: a nursing approach**. 2nd ed. Philadelphia: J. B. Lippincott, 1994. 702p.
3. MAFESOLI, M. **As tribos em cena**. Mimeografado, [1985].
4. MAFESOLI, M. A superação do indivíduo. **Rev.Fac.Educ.**, v. 12, n.1/2, p. 334-341, 1986.
5. MAFESOLI, M. A ética pós-moderna. **Rev.Fac.Educ.**, v.17, n. 1, p. 194-202, 1991.
6. THAGARD, P. **Mente: introdução à ciência cognitiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 210p.

RECEBIDO: 24/10/2000

ACEITO: 22/6/2001